

Alguns princípios para não se terminar de ler um texto

Luiz Oswaldo Carneiro Rodrigues

Professor Titular

Departamento de Educação Física

Escola de Educação Física Fisioterapia e Terapia Ocupacional

Universidade Federal de Minas Gerais

O único obrigado a chegar ao final de um livro é o autor.

Yehuda Waisberg

Resumo

Todo cientista verdadeiramente interessado na produção de conhecimento deve procurar ser compreensível para o maior número de pessoas, inclusive para aquelas que não pertencem ao seu ambiente acadêmico. A produção de conhecimento não é um bem em si se não ajudar a melhorar a sociedade que a sustenta. Depois de mais de 35 anos trabalhando com textos científicos creio que minha experiência possa ser útil aos mais novos. Em resumo, penso que alguém pode parar de ler um artigo técnico científico quando:

1. Tem que reler o título
2. Não há resumo ou ele não contém a conclusão explícita
3. A introdução não contém alguma experiência anterior dos autores
4. O objetivo é subjetivo ou está no plural
5. Não há comitê de ética nos métodos
6. Não há números ou há muitas aspas
7. A discussão não considera a hipótese nula e os erros do próprio estudo
8. A conclusão ultrapassa duas linhas ou a linha do horizonte
9. Os agradecimentos incluem uma empresa interessada no assunto
10. Não há um autor brasileiro nas referências

Se você ainda não interrompeu este meu texto por algum dos princípios acima, então vamos em frente, para esclarecer cada um deles.

1. Se você tem que reler o título.

O título deve funcionar como uma manchete de jornal, permitindo que o leitor tenha uma compreensão imediata do conteúdo do restante do texto e possa decidir prontamente se é um assunto do seu interesse ou não. Neste sentido, é fundamental que o título contenha a conclusão mais importante do texto, porque pelo menos a idéia central do artigo é transmitida. Um exemplo: “Estudo da ação da cafeína durante o exercício em seres humanos sobre os mecanismos da fadiga e da percepção do esforço¹” seria bem substituído por “Ingestão de cafeína não aumentou a tolerância de homens no exercício até a exaustão”.

¹ Minha tese de doutorado

Muitas vezes a complexidade do título revela uma erudição forçada, que procura mostrar intimidade com temas sofisticados e que exigem muita inteligência e cultura. Por exemplo, tente compreender com apenas uma leitura o seguinte título: “Do Corpo-Máquina ao Corpo-Informação: o pós-humano como horizonte biotecnológico”. O que isto quer dizer, realmente? Numa segunda ou terceira leitura sou tentado a fazer um exercício de decomposição do título, que me leva a supor que alguém andou criando previamente os conceitos de corpo-máquina e corpo-informação (daí as maiúsculas, imagino). Portanto, a primeira metade do título me alerta para o fato de que estou entrando num território reservado aos iniciados, criando tanto mais uma atmosfera de admiração quanto menos compreendo imediatamente os tais conceitos. A seguir, surge mais um deles: pós-humano. Cresce a minha admiração, oh! Quanto terei ainda a aprender, Santa Ciência! O que seria, para os autores o conceito de pós-humano? Talvez o planeta Terra desabitado pela civilização predatória que o levou ao aquecimento global? Ou quem sabe seria o que restou do humanismo esfaqueado pela hegemonia competitiva que assola o mundo globalizado? Avançando nesta dúvida, pelo menos suponho que consigo entender a palavra *horizonte* como uma metáfora do futuro e chego ao termo final: *biotecnológico*. Desconfio imediatamente que se trata daquele aglomerado de mentes suspeitas em ambiciosas artimanhas genéticas para transformar o meu antigo e caseiro arroz com feijão em milionários hambúrgueres de isopor. Ou seriam os fabricantes de vacinas contra a AIDS? Assim, passo alguns minutos perdido nestas reflexões sem saber ao certo do que se trata o texto, mas seguramente impressionado pelo fato de estar diante de algo complexo e supostamente inteligente.

Então, decido não ler este artigo porque ele não foi escrito para eu entender. Se o autor desejasse que mais pessoas como eu, um leitor médio, fossem capazes de compreender sem hesitações as suas supostas idéias, o autor não as ocultaria por trás da erudição e linguagem cifrada.

Outro cuidado necessário, que aprendi recentemente², deve ser o de evitar os títulos que sugerem que os problemas são finitos e podem ser sucintamente enumerados (Sete passos para o sucesso empresarial, As cinco normas da qualidade total, Os dez pilares da excelência esportiva, etc.). A primeira versão do presente texto, por exemplo, circulou entre meus alunos e colegas com o título que começava por “Dez princípios...”. Decidi muda-lo depois que um de meus alunos de pós-graduação se referiu a ele como os “Dez mandamentos para se parar de ler um texto”. Meu aluno deve ter imaginado que Eu havia entregado este texto a Moisés.

2. Se não há resumo ou ele não contém a conclusão explícita.

Quem tem uma idéia original, ou uma informação que considere relevante para a humanidade, não precisa de rodeios para apresenta-la, por isto, pode tentar capturar a atenção do leitor que já ultrapassou o título apresentando-lhe um breve resumo do que pretende dizer de forma mais extensa e completa. Fazer um breve resumo faz parte da técnica jornalística de permitir ao leitor decidir se ele vai ou não se aprofundar em detalhes. Por isso, é necessário que o resumo contenha a conclusão ampliada daquilo que já deve estar presente no título.

² Ver o excelente “Como a picaretagem tomou conta do mundo – Equívocos da Modernidade” de Francis Wheen, 2004, Editora Record 2007.

O autor que se abstém de apresentar um resumo fornece um sinal prognóstico de que ele será redundante, repetitivo, cacofônico, pleonástico, ou seja: pro-lixo. Justifica-se dizendo que seria uma mutilação tentar resumir suas idéias fenomenais num espaço tão reducionista como aquele reservado aos resumos e rebela-se num grito pós-moderno contra a simplicidade cartesiana. E viva o corte de árvores para fabricar o papel necessário para preencher páginas e páginas de revoluções lingüísticas convulsivas que reduzem a realidade a um mero conceito.

3. A introdução não contém alguma experiência anterior dos autores.

É importante descobrir se nas primeiras linhas os autores se referem a alguma experiência pessoal com o assunto em questão. Podemos verificar esta experiência nas referências bibliográficas ou então se eles nos apresentam os motivos históricos que os levaram a estudar o tema e, agora, diante dos resultados relevantes obtidos sentem-se premiados pela força incoercível de divulgar o conhecimento. Na construção do objetivo de um estudo é fundamental que os autores justifiquem a relevância científica daquilo que se propõem a fazer, pois a produção de conhecimento deve servir para melhorar a vida da sociedade que sustenta os pesquisadores. Neste sentido, sabemos que a ciência é sustentada no mundo todo com recursos públicos e que os recursos privados somente são aplicados naquelas áreas do conhecimento que podem dar retorno financeiro imediato. Assim mesmo, estas pesquisas tecnológicas se apropriam dos conhecimentos básicos gerados com os recursos públicos para investir apenas no ponto mais próximo do lucro. E os recursos públicos para a pesquisa provêm dos trabalhadores, pois são eles que geram a riqueza, que pagam o preço dos produtos nos quais estão embutidos os impostos, inclusive os impostos daquela famosa parte que é expropriada pelos patrões: o lucro. Os governos reúnem estes impostos e destinam parte deles para a produção de conhecimentos, ainda que mínima, é verdade, nos países da periferia do capitalismo. Assim, um estudo merece continuar a ser lido se ele justifica a sua relevância para a humanidade, ou para uma população em especial, e não porque ele está apenas preenchendo o saco sem fundo do currículo dos pesquisadores ou fornecendo a justificativa comercial para a venda de produtos.

4. O objetivo é subjetivo ou está no plural.

Vale a pena continuar lendo um texto científico se ele tem UM objetivo. A cada novo objetivo introduzido, podemos ter certeza de que haverá uma redução na profundidade da discussão realizada sobre os resultados obtidos. Este único objetivo deve fazer sentido para quem acabou de ler a introdução. Pode-se parar de ler um artigo que transfira para a descrição dos métodos a futura compreensão dos objetivos, fazendo com que o leitor tenha que adivinhar o que os autores pretendiam de fato.

5. Não há comitê de ética nos métodos.

Não tenho dúvida da obrigatoriedade de que todos os métodos devem ser passíveis de reprodução por outros cientistas em outras partes do mundo, ou seja, devemos ter cautela diante de um texto que promove a exclusão de outros cientistas por causa de um equipamento muito sofisticado ou de uma tecnologia indisponível. Além disso, métodos que se propõem a medir uma quantidade excessiva de variáveis, as quais em nada

contribuem depois para a discussão dos resultados, sugerem que o pesquisador esqueceu seu objetivo principal ou se perdeu na abundância de recursos financeiros. O mais importante é que há pessoas que pensam que o comitê de ética existe apenas para afastar os nazistas dos laboratórios: na verdade, é também uma forma de se testar a relevância do estudo ANTES dele ser realizado e de inserir os pesquisadores num sistema nacional e internacional de pesquisa. Isto se aplica a seres humanos, animais e pontes.

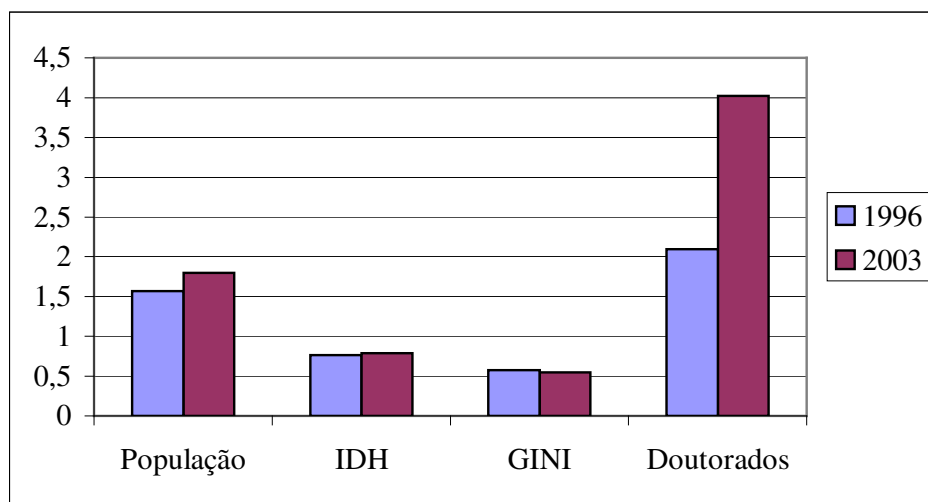
6. Não há números ou há muitas aspas.

Ainda não encontrei um texto científico relevante que dispensasse a apresentação de números nos resultados. Ainda que seja para dizer que 2 filósofos foram a favor desta teoria e outros 3 foram contra, acredito que os números permitem que o leitor acompanhe o pensamento dos autores e participe ativamente da discussão. É claro que os dados devem receber o tratamento estatístico adequado, que os amarram à realidade sem o qual os números não passam de nuvens passageiras.

Por exemplo, reuni algumas informações na Tabela 1 com seu respectivo gráfico abaixo que permitem que o leitor faça o seu próprio raciocínio sobre alguns dados disponíveis nas páginas eletrônicas da Organização das Nações Unidas (ONU), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico (IBGE) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Tabela 1 – 1996 a 2003: População brasileira (vezes 100 milhões, IBGE, 2004), índice de desenvolvimento humano (IDH, quanto mais perto de 1, melhor – ONU, 2007), indicadores de concentração de renda (Índice de Gini, quanto mais próximo de 1, pior – IBGE 2004) e alunos matriculados em doutorados (vezes 10.000, CAPES, 2007).

| | População | IDH | GINI | Doutorados |
|------|-----------|------|------|------------|
| 1996 | 1,57 | 0,77 | 0,58 | 2,0924 |
| 2003 | 1,8 | 0,79 | 0,55 | 4,0204 |



Segundo o IBGE, de 1996 a 2003, a população brasileira aumentou e o rendimento médio real das pessoas com rendimento do trabalho teve queda de 18,8%, que se estendeu a todas as categorias de ocupação: trabalhadores domésticos (-5,4%), trabalhadores por conta própria (-6,6%), empregados e empregadores (-7,5% para ambos). Na população ocupada, os 50% com os menores rendimentos sofreram uma perda real de 4,2%, enquanto que, para os 50% com os maiores rendimentos, a perda foi de 8,1%. Enquanto isso, o índice de desenvolvimento apresentou uma leve melhoria que acompanhou o restante da América Latina, mas o número de alunos matriculados em doutorados dobrou no mesmo período. Estes dados nos estimulam a pensar sobre o que significa estarmos aumentando o número de doutores acima da população ou quais as relações entre o crescimento da pós-graduação e a melhoria dos indicadores sociais. Os números são importantes para revelarem partes da realidade que, às vezes, não percebemos devido à nossa visão direcionada, como aquela que postula que aumentar o número de doutores (ou de artigos publicados) parece ser sempre bom, um bem em si, o que parece implícito, por exemplo, nos diversos relatórios dos programas de pós-graduação da UFMG³.

Penso que mesmo nas áreas do conhecimento nas quais as argumentações conceituais, históricas e dedutivas prevalecem, a quantificação das informações sempre seria útil na melhor compreensão do pensamento exposto. Por exemplo, só vislumbrei um pouco melhor a história da humanidade depois que li os livros de Jared Diamond sobre a origem⁴ e o declínio⁵ das civilizações. Ele reviu a história juntamente com a evolução climática, correlacionou desenvolvimento político com questões objetivas de sobrevivência em ambientes geográficos definidos, tudo isto de forma cuidadosamente quantificada. Talvez porque ele também seja um professor de fisiologia.

Quanto ao uso das aspas em excesso, ele parece revelar certa dificuldade dos autores com o vocabulário que os impede de encontrar a palavra exata para o conceito que pretendem transmitir. O uso de aspas remete o leitor aos tais conceitos subentendidos ou que requerem a sua cumplicidade para aceitar algo que não é exatamente o que está escrito. Aspas no texto são equivalentes ao “tipo isso”, “tipo aquilo” na forma coloquial.

7. A discussão não considera a hipótese nula nem os erros do próprio estudo.

A discussão deve começar por aquilo que os autores consideram que seria seu achado principal e descrever as hipóteses que justificam seu achado. No entanto, eles devem dar o mesmo valor e espaço para as possibilidades contrárias, agindo com isenção científica, ou seja, não querem provar nada: estão estudando a natureza das coisas. Importantíssimo também é apontar os próprios limites, os erros acontecidos e as surpresas encontradas. Infelizmente, mesmo respeitando os princípios anteriores, muitos autores derrapam na discussão e apresentam a face mais favorável de seus resultados, dando a impressão de que tudo correu bem, a hipótese era perfeita e os

³ Avaliação da Pós-Graduação da UFMG 2005-2006, Pró Reitoria de Pós Graduação, UFMG, 2006.

⁴ Diamond, Jared. Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas. Ganador do Prêmio Pulitzer. 4ª. Ed. Editora Record, Rio de Janeiro, 2003.

⁵ Diamond, Jared. Colapso: como as sociedades escolhem o fracasso e o sucesso. Editora Record, Rio de Janeiro, 2005.

resultados irretocáveis. Esquecem que os dados, se bem coletados, são permanentes, mas sua interpretação é histórica, evolutiva e mutável.

8. A conclusão ultrapassa duas linhas ou a linha do horizonte.

Se o objetivo foi bem definido a partir da introdução e os métodos foram adequados ao modelo teórico que motivou a pergunta, a conclusão não pode ultrapassar uma ou duas linhas. No entanto, alguns autores, na expectativa de agradarem aos patrocinadores ou angariarem prestígio entre os colegas e a comunidade, oferecem conclusões que ultrapassam os limites do estudo, propõem aplicações práticas não testadas e jogam um monte de confete sobre si mesmos, ocultando assim que o processo de construção científica se dá em pequenos passos, sobre o ombro de gigantes do passado, e não em mudanças de paradigmas súbitas.

9. Os agradecimentos incluem uma empresa interessada no assunto.

No dia em que o capitalismo mudar os seus objetivos, lucro e monopólio, poderemos esperar que alguma empresa (ou o nome que será dado às organizações das atividades produtivas humanas) seja patrocinadora altruísta de algum projeto científico. Ou seja, não há almoço de graça, muito menos camisetas, estandes nos congressos ou auxílios aos pesquisadores para viagens a uma ilha do Caribe, onde devem permanecer por alguns dias para chegarem a um consenso sobre se a sede é suficiente durante o exercício ou se devemos fornecer litros e litros de uma substância eletrolítica carboidratada para preservar sua saúde ou garantir o seu desempenho.

10. Não há um autor brasileiro nas referências

Falando como pesquisador brasileiro para outros brasileiros, um texto cujo autor seja brasileiro sem citação de qualquer trabalho realizado anteriormente por cientistas do seu país deve nos remeter para as seguintes possibilidades:

- a) Os autores não se deram ao trabalho de procurar em revistas brasileiras porque não dão valor às publicações brasileiras e paraguaias⁶;
- b) O tema supostamente não possui relevância para a população brasileira e somente interessa à pesquisa de “ponta e universal”, portanto, não há cientistas brasileiros envolvidos com o assunto ou não há revistas brasileiras destinadas a ele;
- c) A competição nacional pelos recursos das agências financiadoras impede os autores de darem uma colher de chá para seus colegas brasileiros, pois se os citarem aumentariam o cacife dos concorrentes nas disputas pelas verbas do CNPq, FAPEMIG, FINEP e outras.

Finalmente, acho que devemos ter cautela com os textos que abusam das citações de autores famosos de uma maneira que nos dão a entender que todos nós deveríamos obrigatoriamente conhece-los. Geralmente, aqueles que usam este estilo, demonstram enorme intimidade com os tais autores, contrapondo os pensamentos de um contra outro, revelando-nos que são capazes de perceber diferenças sutis entre eles.

⁶ Ver Rodrigues, LOC. “Publicar mais ou melhor: o Tamanduá Olímpico”. Revista Brasileira de Ciências do Esportes, vol 29, Setembro de 2007.

Infelizmente, o resultado é um mingau indigerível de conceitos que só servem para confundir as pessoas e atrapalhar a busca do conhecimento racional da realidade.

Sim, apesar dos esforços mistificadores das religiões, das ideologias totalitárias e dos desconstrucionistas de plantão, as leis da natureza podem ser compreendidas, nós somos produtos da cultura e da biologia e ainda não chegamos ao fim da história. Ou seja, a realidade pode ser conhecida, existe e é sem aspas.

Conclusão

Aplicando-se os princípios acima a diversos de meus artigos anteriores já publicados, muitos deles eu não os leria até o final.

Agradecimentos: A Ana Carolina Vimieiro Gomes por ler e criticar com muita atenção o rascunho deste texto, inclusive discordando de algumas partes.